

Betânia Gonçalves
Figueiredo



A cidade refletida em seus museus

Contando cerca de duas dezenas de museus, Belo Horizonte assistiu nos últimos anos à instalação de novos espaços museológicos que abrigam atividades múltiplas, ainda que convivendo com graves problemas, entre eles a carência de pessoal especializado.

> Diz-me quantos museus tem a cidade e te direi como é essa cidade.

A epígrafe acima foi inventada para este artigo, parafraseando outra epígrafe, “Diga-me o que comes e dir-ti-ei quem és”. Mas lembra-nos o início de outro texto que apresenta o número dos museus de Paris.¹ Ao discutir a necessidade de acumular coleções, organizá-las e expô-las em museus, o autor analisa os mistérios que levam a sociedade, ao longo da história, a colecionar.

O número de museus de uma cidade pode nos contar muito sobre ela. Em primeiro lugar irá nos revelar sua idade. As cidades recém-inauguradas, na maior parte das vezes, não têm museus. As que estão na casa da centena de anos, como Belo Horizonte, têm alguns, talvez algumas poucas dezenas deles. A quantidade de museus e a frequência de seus visitantes podem nos revelar muito sobre aquele meio urbano – o número de habitantes, se recebe muitos ou poucos turistas – e nos informar a respeito da intensidade da vida cultural.

Podemos nos perguntar também sobre o movimento dos museus e, a partir da resposta, compreender um pouco das concepções teórico-metodológicas de seus idealizadores e organizadores. Ao indagarmos sobre a articulação existente entre os museus, podemos compreender um pouco mais sobre a política cultural da cidade. Os temas representados nas exposições dos museus também podem nos auxiliar na identificação da idade da cidade. Vejamos o caso de Outro Preto, com seus museus da Inconfidência, do Oratório e de Arte Sacra. Todos nos remetem às coleções produzidas no século XVIII. Já os museus de ciência e tecnologia apontam-nos para a tradição dos cursos de engenharias e formação afins ou para o futuro promissor das ciências na região.

Mas Belo Horizonte é uma cidade relativamente jovem, planejada e construída no final do século XIX. Uma

cidade que, ao longo de seus 110 anos, passou por intervenções drásticas de toda ordem. O traçado inicial, circundado pela avenida do Contorno, foi extrapolado para muito além dos planos traçados para a nova capital mineira. A cidade teve todos os seus marcos urbanísticos iniciais alterados ao longo dos anos e, em alguns casos, houve um trabalho de reconstituição da forma original.

Uma das exposições do Museu Histórico Abílio Barreto – o mais antigo de Belo Horizonte – revelou, de forma instigante, o movimento frenético de destruição e reconstrução da cidade, apresentando em fotografias o mesmo espaço urbano com as drásticas intervenções sofridas ao longo do tempo: as praças Rui Barbosa (praça da Estação), Raul Soares e Sete de Setembro e a avenida Afonso Pena, entre outros locais.

Cidade, espaço e memória

O espaço urbano faz parte da nossa memória. Cada um de nós cresceu em uma cidade ou próximo de uma cidade. Atravessou ruas, passou por avenidas, realizou trajetos até a escola, a venda, o supermercado. Passeou e brincou em praças públicas, ouviu a banda no coreto, soltou pipa no descampado. Acompanhou o movimento das estradas, o barulho do trem, o movimento dos ônibus. Ao nos depararmos com mudanças drásticas nos marcos que constituíram suportes materiais da nossa memória urbana, perdemos um pouco das nossas referências espaciais. É a sensação de retornar ao local da infância, da adolescência e não se reconhecer mais; ou buscar as referências assinaladas nas nossas lembranças e ir aos encontros/desencontros dos locais dessas lembranças: o bairro reconstruído, as ruas alteradas, as avenidas alargadas, as casas demolidas.

Nesta argumentação, não há o desejo de estagnar o tempo, muito menos de impedir a ação inexorável do desenvolvimento urbano, mas a necessidade de impor

regras a esse movimento. São duas as ações de extrema importância. A primeira, relativa à regulamentação dos padrões de desenvolvimento da cidade, à responsabilidade dos órgãos públicos municipais e à legislação do patrimônio histórico e urbanístico – o plano diretor, as definições de ocupação do solo etc.

A segunda remete à necessidade de desenvolver mecanismos de recolhimento sistemático da documentação referente à cidade. Esta segunda ação é de responsabilidade especial dos museus das cidades, quando esses existem e exercem bem o seu papel. Cabe aos museus refletirem sobre os modos de documentar o movimento urbano. Não apenas suas origens, seu passado, mas o seu presente e as necessidades de seu futuro.

Tocamos em um ponto instigante da atividade dos museus. Contra aqueles que continuam defendendo os museus como templos das musas, vinculados a um passado romântico, quase mítico, interpomos um presente radiante apontando em direção ao futuro. Os museus modernos não guardam e expõem apenas o passado, mas refletem insistentemente sobre o presente e preocupam-se com o que arquivar e preservar para a posteridade.

Guardiões da memória

As coleções documentais não se restringem aos museus. Há coleções nos centros de documentação e memória e nos arquivos públicos. Belo Horizonte conta com um pequeno número dessas instituições. As principais, sem dúvida, são o Arquivo Público Mineiro e o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Essas instituições são regidas por legislação própria, estadual e municipal, e a sua principal função é recolher, organizar e disponibilizar a documentação relativa aos poderes executivo estadual e municipal, para uso dos consulentes.

Muitas vezes, no afã de realizar um trabalho de divulgação das suas atividades, os arquivos públicos extrapolam sua competência específica e realizam uma série de outras atividades de aproximação com o público. É necessário apresentar o arquivo ao cidadão, discutir sua função, seu funcionamento, sua estrutura, apresentar suas dependências, mostrar como funciona e assim por diante. Para tanto, são desenvolvidas atividades como organização de banco de dissertações e teses versando sobre temas diversos da cidade, visitas agendadas para grupos de estudantes e exposições temporárias.

Para atingir sua atividade-fim, os arquivos acabam por ampliar suas ações e desempenhar um papel de pólos culturais. Afinal, há a preocupação de contribuir para que as novas gerações compreendam a importância e necessidade dos arquivos.

Belo Horizonte dispõe ainda de alguns centros de memória, como o Centro de Memória da Medicina e o Centro de Memória da Justiça do Trabalho. Todos esses espaços lutam para manter uma política de recolhimento e implementar um programa de ação educativa ou plano de comunicação. De um modo geral, vivem uma situação precária em termos técnicos, e sua existência no futuro não está garantida.

Pioneiros

O primeiro museu de Belo Horizonte foi o Museu Histórico da cidade, que deve sua existência ao esforço inicial do colecionador Abílio Barreto. Simbolicamente, foi instalado em um dos poucos espaços que restaram do antigo arraial do Curral del Rei, a Fazenda Velha do Leitão.²

Há que se ressaltar que a Comissão Construtora da Nova Capital empreendeu alguns esforços no sentido de resguardar a memória do arraial. Planejou “uma



Museu Histórico Abílio Barreto. Exposição Como se fosse sólido... Pensando o Patrimônio Cultural de Belo Horizonte. Fotografia de Gilvan Rodrigues. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto, Arquivo Administrativo. Museu Histórico Abílio Barreto. Exposição Ver e lembrar: monumentos em Belo Horizonte. Fotografia de Gilvan Rodrigues. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto, Arquivo Administrativo

biblioteca, um museu, a publicação da *Revista Geral dos Trabalhos da Comissão Construtora* e um acervo fotográfico referente aos casebres, cafuas, igrejas e outras construções que deveriam ser demolidas no arraial para a edificação da cidade”.³

Mas esses esforços não foram muito eficazes, e a tarefa de guardar, sistematicamente, informações e objetos da cidade recém-criada deveu-se a Abílio Barreto. O Museu Histórico da cidade foi criado em 1943, e sua criação coincide com os estudos de sistematização das coleções no Brasil e com a criação, no plano federal, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico (Sphan),⁴ que mais tarde passará a chamar-se Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Abílio Barreto coletou objetos da vida cotidiana da cidade, montou coleções de arte sacra, coletou mobiliário, pintura, escultura, além de importante documentação arquivística, bibliografia e fontes primárias da sociedade que se formou a partir do Curral del Rei. Muitas das anotações de Barreto foram utilizadas nos textos e livros que escreveu sobre a cidade, destacando-se *Belo Horizonte: História Antiga e História Média* (1995).

Os arquivos de Abílio Barreto estão disponíveis no setor de consultas do museu que hoje leva seu nome, numa demonstração de sua habilidade em catalogar as informações em uma época sem recursos da informática. Conhecer essas anotações é uma experiência ímpar para todos os pesquisadores das áreas de história, história da cidade, museus e arquivos. Há que se ressaltar que o início do Museu Histórico de Belo Horizonte partiu de pesquisas sistemáticas do seu idealizador. Não foi uma coleção que se iniciou naturalmente ou ao acaso, mas um trabalho de pesquisa e esforços deliberados para montar uma coleção/acervo representativo sobre a cidade.

Em meados do século XX foram criados dois museus na cidade. Em 1957, o Museu de Arte da Pampulha, provavelmente o primeiro museu destinado às artes contemporâneas na cidade. Em seguida, o Museu de História Natural, localizado na região do Horto. Este foi construído para dar apoio aos trabalhos acadêmicos da Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG, que lhe deu a denominação atual de Museu de História Natural e Jardim Botânico.

Ainda na década de 1930 os idealizadores da Universidade de Minas Gerais defendiam a existência de espaços museológicos para fins de pesquisa e aprendizado, além da acumulação de conhecimento.⁵ Mas a viabilização do Museu de História Natural ocorreu bem mais tarde, em 1967, com o apoio dos pesquisadores da antiga Sociedade Mineira de Naturalistas, na qual estavam representados quatro departamentos da UFMG: Botânica, Zoologia, Biologia Geral e Geologia Geral.⁶

Há que se destacar, nas décadas de 1960 e 1970, a revolução que ocorreu nos museus brasileiros. O marco mundial é o pós II Guerra Mundial, quando os museus, especialmente os da Europa, passam por uma grande reformulação. O campo de conhecimento da museologia forma-se de modo mais sistemático.⁷ Nesse movimento, o público passa a ser uma preocupação fundamental. A noção de público amplia-se. Se anteriormente trabalhava-se para atingir segmentos especializados, notadamente investigadores acadêmicos para fins de pesquisa, passou-se a trabalhar com a idéia de ampliar o número de visitantes.

Novos museus

A cidade de Belo Horizonte tem sido presenteada, nos últimos anos, com novos e importantes museus. O Museu de Artes e Ofícios, na praça Rui Barbosa (praça



Museu de Arte da Pampulha. Exposição *Oscar Niemeyer: arquiteto, brasileiro, cidadão*. Fotografia de Emmanuela Tolentino, agosto 2007. Acervo Museu de Arte da Pampulha.



Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Exposição permanente de Paleontologia. Fotografia de Pedro Peixoto. Acervo Museu de História Natural/UFMG.



Museu de Artes e Ofícios. Exposição permanente. Fotografia de Miguel Aun. Acervo Museu de Artes e Ofícios.

da Estação), é um deles. Ao longo dos dois lados da plataforma de embarque do trem metropolitano está uma das coleções mais significativas da cidade, compreendendo os ofícios que construíram o Brasil e, em especial, Minas Gerais. Provavelmente é o único museu do gênero no Brasil e um dos que apresentam maior potencial a ser explorado em termos de pesquisa. Afinal, toda coleção museológica deve estar respaldada em trabalhos de pesquisa, e um dos serviços que o museu deve prestar é atender ao público interessado em aprofundar seus conhecimentos sobre a sua temática.

Há que se destacar que a região no entorno do Museu de Artes e Ofícios foi beneficiada por uma notável valorização urbana. Isso demonstra que um empreendimento cultural bem planejado pode contribuir, e muito, para a valorização do espaço urbano. No caso específico do Museu de Artes e Ofícios, destacam-se a restauração do belo prédio da estação ferroviária e a

recuperação da praça fronteira, com projeto arquitetônico moderno, que não conflita com o prédio que o abriga. A inauguração da exposição do Museu de Artes e Ofícios ocorreu em fins de dezembro de 2005, na passagem para o ano de 2006.

Em 2006, entrou no cenário da cidade o Museu do Brinquedo, ocupando um casarão da avenida Afonso Pena, quase esquina com avenida Getúlio Vargas. Sua inauguração coincidiu com a chegada do Natal e foi saudada por Papai Noel, distribuindo sorrisos e presentes para a garotada. Os museus de brinquedos espalham-se pela Europa e Estados Unidos, mas ainda não são frequentes no Brasil. O tema dos brinquedos infantis é classificado na categoria de museus especiais, os chamados museus-escola.

O Museu Giramundo – iniciativa de um dos mais importantes grupos de teatro de bonecos do país – não

é tão novo quanto o Museu do Brinquedo, tendo sido reinaugurado em 2005. Situa-se na região do bairro Floresta, vizinhanças da Praça da Estação. A partir dos bonecos e figurinos construídos para espetáculos do grupo, formou-se uma coleção que agora está exposta ao público, para encanto de crianças e adultos.

Em breve a capital de Minas Gerais poderá contar com mais um espaço museal. O Museu Inimá de Paula será implantado no prédio da antiga sede do Clube Belo Horizonte, na Rua da Bahia, centro da cidade. O espaço terá, além da exposição do artista, livros, documentos e fotografias.

Para completar o quadro, é necessário mencionar o Centro de Arte Contemporânea Inhotim, instalado no município de Brumadinho, arredores de Belo Horizonte, que expõe permanentemente obras de alguns dos mais significativos artistas contemporâneos. Mesmo sendo

um museu afastado da cidade, desde que se abriu para visitas públicas, em 2006, tem recebido um número crescente de visitantes belo-horizontinos. No caso específico desse espaço, é desenvolvida uma política voltada para o envolvimento da população local em projetos de melhoria de renda e acesso à informação. Como se trata de um local de paisagem exuberante, está sendo desenvolvido um trabalho de preservação do patrimônio ambiental, numa demonstração das múltiplas facetas de um espaço museal que pretende interagir de forma criativa e rica com o seu público.

Os cinco novos museus recém-instalados em Belo Horizonte e arredores têm, apesar de seus acervos e dimensões diferentes, uma característica comum. Não são museus vinculados a órgãos públicos, mas resultado da organização de institutos culturais privados que militam em prol da cultura. O Museu de Artes e Ofícios é vinculado ao Instituto Cultural Flávio Gutierrez, criador





Museu do Brinquedo. A colecionadora Luiza de Azevedo Meyer (São João del Rei, 1912 – Belo Horizonte, 2000), que deu origem ao museu, fotografada por Marcelo Prates. Um velocípede do acervo do Museu do Brinquedo. Fotografia de Paulo Laborne.

do Museu do Oratório, em Ouro Preto, e que em breve promete brindar o Estado com o Museu de Sant'Anas, em Tiradentes. O Museu do Brinquedo é resultado da coleção da Luiza de Azevedo Meyer, e a instituição cultural responsável pelo museu recebe o seu nome. Ao colecionar brinquedos para os filhos e para sua atividade de professora, ela alcançou a impressionante cifra de cinco mil peças diversas. E, finalmente, na fase de montagem, o já mencionado Museu Inimá de Paula, organizado pela fundação que leva o nome do artista.

Museus e a pesquisa

Os museus cumprem a função de apresentar ao público suas coleções, organizadas em exposições. Mas, cada vez mais, o papel e o significado cultural dos museus é discutido e problematizado. Os museus lidam, em primeiro lugar, com informações: das coleções, do

acervo, das pesquisas, das políticas de atração do público e das políticas de constituição de acervos, e assim por diante. No presente, as funções dos museus não se limitam exclusivamente às exposições em si. Há também uma preocupação em repensar o papel do museu e, em especial, sua relação com o público e sua fidelização, seja o público habitualmente visitante, o público potencial e os segmentos especiais, como o público escolar e o público de fins de semana.

Nesse sentido, os museus podem e devem prestar um importante papel de divulgação das informações contidas em suas bibliotecas de referência e nos acervos abertos ao público em geral. Esses locais de referência bibliográfica e documental, muitas vezes restritos às consultas internas, abrem-se ao público, geralmente o especializado, prestando-lhe mais um serviço. Os grandes museus já fazem isso, com sucesso, tornando-se referência nas pesquisas sobre as quais versam seus acervos. Em

um país carente de bibliotecas especializadas, essa possibilidade de serviço é sempre bem recebida.

Ao reformatar sua estrutura nos últimos dez anos, o Museu Histórico Abílio Barreto abriu sua biblioteca especializada à consulta pública, prestando mais um serviço à comunidade. Além disso, é possível consultar seu acervo fotográfico e a documentação referente à Comissão Construtora da Nova Capital.

Outro espaço que promete em breve viabilizar o acesso à biblioteca é o Centro de Arte Contemporânea Inhotim, que, mesmo não se localizando em Belo Horizonte, está sob a influência do fluxo de habitantes e turistas da cidade (localiza-se próximo ao município de Brumadinho). Há um projeto de montagem de uma biblioteca, com acesso público, a ser construída nas dependências do espaço do Centro. Mas já é possível a utilização da biblioteca de consulta da instituição, localizada ao lado de um dos muitos prédios que abrigam as instalações artísticas. Uma grande porta de vidro indica que a pesquisa é necessária em museus e centros de arte, e convidam o visitando a aguardar, em breve, a nova biblioteca.

Mas infelizmente essa não é a regra. Muitos museus são criados sem um estudo sistemático de seu acervo. Algumas vezes quando esses estudos ocorrem não estão acessíveis aos visitantes. As consultas às informações históricas dos acervos, à bibliografia de referência, aos dados relativos às coleções nem sempre estão disponíveis. Isso dificulta a vida não apenas do consultante/visitante, mas do próprio museu no momento de realizar seu balanço, traçar suas políticas, elaborar seus projetos, abastecer com informações suas equipes de trabalho etc. Somente o conhecimento do acervo e das temáticas da museologia e da museografia, integrado a um plano diretor, permite ao museu direcionar suas ações. Nos dias atuais é difícil imaginar um museu sem um setor de pesquisa atuante, subsidiando seus diversos outros setores.

Novo campo de trabalho

Ao tratar dos museus na cidade, faz-se necessário perguntar sobre a formação dos profissionais que atuam nesses espaços de memória e espaços culturais em geral. No Brasil há alguns cursos de graduação em museologia, ao contrário do que ocorre na Europa, Estados Unidos e Canadá, onde toda a formação na área ocorre no nível de pós-graduação, os assim chamados *museums studies* (estudos em museus). Os dois únicos cursos de graduação no Brasil estão no Rio de Janeiro e em Salvador. Apenas recentemente foi criado um curso de mestrado *stricto sensu* em museologia, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2006. Mesmo assim a profissão foi regulamentada nos anos 1980 (Lei n. 7287, 18/12/1984),

Diante dessa situação, vive-se um impasse. Boa parte dos membros das equipes que trabalham e atuam nos museus, mesmo desenvolvendo seus estudos na área, aperfeiçoando-se nos locais de trabalho, não são reconhecidos como profissionais especializados. Trata-se de uma situação extremamente delicada, pois são essas pessoas que mantêm os museus, não apenas na cidade de Belo Horizonte, como também no Estado e no País, e em sua grande maioria não têm a formação específica de graduação em museologia. A solução mais pertinente, a curto prazo, seriam os cursos de especialização na área de patrimônio histórico e cultural. Esses cursos, aproveitando a formação de profissionais de diversas áreas, buscam qualificar pessoal para atuar (ou continuar atuando) em museus, arquivos, centros de memória e cultura.

Outra contradição é que os cargos de direção dos museus raramente são exercidos por profissionais graduados em museologia.⁸ Trata-se de um campo de atuação interdisciplinar por natureza, exigindo dos profissionais que atuam na área formação específica que venha completar os conhecimentos básicos adquiridos



Centro de Arte Contemporânea Inhotim. Vista do parque natural e das galerias da Mata e True Rouge. Fotografia de Jomar Bragança.

na graduação, especialmente nas áreas da história, comunicação, administração, arquitetura, educação, belas-artes, os diversos campos das ciências físico-químicas e ciência da informação, entre tantas outras áreas. Em diversos textos a temática ressurge, reforçando que a atuação no campo da museologia é, por natureza, interdisciplinar. A diversidade dos museus exige profissionais de natureza multidisciplinar para atender à demanda dos museus de arte, museus históricos, museus de ciência, museus de técnica e tecnologia – para citarmos algumas possibilidades em meio a uma infinidade de temas possíveis de serem musealizados.

Admitida a natureza multidisciplinar dos museus, é possível argumentar que a atividade desses profissionais não se restringe apenas à organização das exposições. A atuação do museu não se limita a essa atividade ou ao gerenciamento do acervo. É necessário também estabelecer um diálogo com o público, desenvolver linhas de pesquisa, trabalhar a política de acervo, viabilizar os projetos de financiamento, desenvolver uma ação de comunicação com especial atenção para o público

estudantil, implementar políticas de conservação e preservação do acervo, entre outras muitas funções.

Na realidade, o museu contemporâneo, dentro de um novo conceito de museologia e do campo da cultura, deve ser tratado como um espaço de ação cultural. Cada vez mais é comum a utilização dos equipamentos urbanos do museu para atividades culturais múltiplas, tais como cursos de natureza diversa, palestras, shows, oficinas, informações culturais, exposições de curta, média e longa duração, sem esquecer os espaços para cafés e lojas, os setores de pesquisa e de consulta. O museu torna-se um espaço de fruição cultural, de possibilidades de encontros e discussão, de circulação de informações culturalmente relevantes.

Museus de arte

É sempre difícil organizar uma tipologia para os museus. Por mais que os autores insistam em classificá-los, é sempre problemático estabelecer os

limites entre um museu de arte e um museu histórico. Há mesmo diversas manifestações artísticas que não ocorrem necessariamente em museus de arte. Em Belo Horizonte podemos destacar dois museus de arte. O primeiro, mais antigo, é do Museu de Arte da Pampulha (MAP), localizado no redor da lagoa, com arquitetura de Oscar Niemeyer e belíssimos jardins de Burle Marx. As edificações do MAP não foram projetadas para este fim, e as adaptações são sempre necessárias, nesses casos. O prédio foi criado para funcionar como cassino, mas com a proibição do jogo, em 1946, o cassino foi fechado, e o prédio só foi reaberto, já como museu, em 1957. O Museu de Arte da Pampulha comemora 50 anos em 2007 anunciando o projeto de construção de um prédio anexo, para viabilizar os diversos projetos de sua administração.

Outro espaço museal, dotado de grandes instalações, é o já mencionado Centro de Arte Contemporânea Inhotim, aberto ao público em 2006. Esses dois museus de arte têm em comum a beleza dos seus jardins e o meio ambiente privilegiado onde estão edificados. O Museu de Arte da Pampulha é acolhedor, apesar de suas pequenas proporções, e permite ao visitante encantar-se com a paisagem da lagoa da Pampulha. Já o Centro de Arte Contemporânea Inhotim impressiona pela magnitude dos jardins, com belas árvores, e pela riqueza das exposições, em um espaço amplo e agradável, no meio da mata.

Contam-se em aproximadamente duas dezenas os museus da recém-centenária cidade de Belo Horizonte. Há, portanto, um espaço significativo para novos investimentos a serem feitos e, especialmente, a necessidade de espaços para a reflexão sobre os caminhos a seguir.

Para os que ficaram curiosos com o número de museus em Paris, informamos que, de acordo com o artigo de Pomian,⁹ havia aproximadamente cento e cinquenta

museus na cidade, contando apenas as coleções abertas ao público. Sem dúvida o número dos museus de uma cidade apresenta-nos informações sobre ela e sua vida cultural, como é o caso de Paris. Mas há que se destacar que a importância dos museus e seus significados para a cidade não se conta apenas em números. Hoje os museus oferecem uma série de atividades que extrapolam a exposição em si, o papel de preservação e conservação da memória de determinado tema. Os museus transformam-se em pontos culturais de um centro urbano, desenvolvendo um plano de comunicação que não se limita ao projeto museográfico. Há toda uma intenção em se estabelecer uma comunicação diversificada com o(s) público(s) do museu.

Pode-se afirmar, sem dúvida, que nas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI os museus ganham novos sentidos e significados na medida em que estabelecem uma comunicação múltipla com o público: público estudantil, público de fim de semana, público de oficina, público de estudiosos e assim por diante. Para além da apresentação das exposições, os museus esforçam-se para atrair, cativar, emocionar o público que frequenta ou pode vir a frequentar esses espaços. A razão de ser dos museus é sua inserção na sociedade. Os vínculos capazes de estabelecer essa inserção são construídos, desenvolvidos e mantidos nas dinâmicas políticas de comunicação dos espaços museais, com destaque para os programas de ação educativa. Como todo programa de comunicação, a efetividade da ação é assegurada no diálogo e avaliação constante das equipes do museu com o seu público.

Para Belo Horizonte, para o Estado de Minas Gerais e para o Brasil desejamos museus de temas os mais diversificados possíveis, mas, especialmente, uma construção sistemática de práticas de comunicação e divulgação desses espaços junto à sociedade. Assim, todos sairão ganhando: os museus, a sociedade e a cidade.

Notas |

1. POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: LE GOFF (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

2. MACHADO, Ana Maria. *Abílio Barreto e o museu: o homem e a memória da cidade*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

3. *Ibidem*, p. 29.

4. *Ibidem*, p. 35.

5. PÔSSAS, Helga Cristina Gonçalves. *Saber fazer e fazer saber: os museus de ciência da UFMG*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 46.

6. *Ibidem*, p. 48.

7. FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Museologia y museografía*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999.

8. PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. Entrevista. Musas. *Revista Brasileira de Museus e Museologia*, IPHAN, n. 1, 2004.

9. POMIAN. Coleção...

Principais museus de Belo Horizonte

• Museu Histórico Abílio Barreto

Localizado no antigo casarão da Fazenda do Leitão. Oferece acervos textuais, iconográficos e fotográficos acerca da origem e desenvolvimento de Belo Horizonte. Uma sede moderna, anexa à antiga construção, foi inaugurada em 1998. Possui salas de exposições, auditório, biblioteca e um café. Os jardins do Museu são utilizados para eventos nos finais de semana.

• Museu de Arte da Pampulha

Ocupa o prédio que corresponde ao primeiro projeto de Oscar Niemeyer na Pampulha. Funcionou como cassino, o primeiro da cidade, até ser fechado em 1946, devido à proibição do jogo no País. Passou a funcionar como museu em 1957, quando era conhecido como Palácio de Cristal. Burlle Marx assina os jardins externos, que são decorados por três esculturas (de Ceschiatti, Zamoiski e José Pedrosa). Conta com biblioteca, loja de *souvenirs*, café e salas multimídia. Há projeto de construção de anexo, em discussão.

• Museu de História Natural da PUC Minas

Criado em 1983, o Museu de Ciências Naturais PUC Minas desenvolve atividades científicas, educativas e culturais. Situado em prédio construído para este fim no *campus* da PUC Coração Eucarístico, tem como ponto forte das suas visitas o público estudantil.

• Museu de História Natural e Jardim Botânico

<http://www.ufmg.br/rededemuseus/>

Criado em 1968, ocupa área de 600 mil metros quadrados, possuindo vários exemplares da flora e fauna nacionais. Abriga exposições de arqueologia, mineralogia, física e uma exposição interativa de ciências. Abriga também o Presépio do Pipiripau e o Palacinho, prédio este que servia de residência aos governadores de Minas nas férias e finais de semana e hoje sedia o Centro de Referência em Cartografia Histórica.

• Museu de Ciências Morfológicas

<http://www.ufmg.br/rededemuseus/>

Situado no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, *campus* Pampulha, o Museu de Ciências Morfológicas tem como tema central o corpo humano. Trata-se de uma exposição especial, com o corpo humano apresentado em seus diversos sistemas: esquelético, circulatório, respiratório, reprodutor, digestivo. Uma exposição ímpar voltada para o ensino de ciências.

• Museu das Telecomunicações

Inaugurado em 1978, nas comemorações dos 25 anos da antiga Telemig, como Museu do Telefone. Resgata a memória da telefonia no país e no mundo. Em 2007 a exposição ampliou-se e passou a ser denominada Museu das Telecomunicações, com diversos pontos de interação para os visitantes.

• Museu de Artes e Ofícios

<http://www.mao.org.br/>

Espaço inédito no Brasil, cuja finalidade é contar a história do trabalho no país. Tornos, teares e outras

ferramentas retratam a riqueza dos fazeres, ofícios e artes que desapareceram ou que deram origem às profissões modernas. Para narrar o passado, o museu utiliza recursos tecnológicos do presente, além de atuar como agente de produção e disseminação de conhecimento. Funciona no imponente prédio da estação ferroviária, restaurado para este fim.

• Museu de Mineralogia

Há amostras dos principais minerais encontrados no mundo, acompanhadas de informações e suas aplicações na vida moderna. O prédio é de estilo pós-moderno, destoando das construções de arquitetura sólida e sisuda instaladas na Praça da Liberdade. É conhecido popularmente como “Rainha da Sucata”.

• Museu Mineiro

O Museu Mineiro tem sua origem no Arquivo Público Mineiro, criado em 1895. A instituição se consolidou juridicamente 15 anos mais tarde, em 1910, quando se tornou responsável pelas seções de História Natural, Etnografia e Antiguidades Históricas. Em 1977, sob a responsabilidade de implantação do Iepha-MG, o projeto do Museu Mineiro iniciou sua efetivação. Em 1982 a instituição efetivada passou a ocupar o prédio do antigo Senado Mineiro – restaurado e adaptado para a nova função. O acervo do museu começa pelo próprio prédio, um exemplar de estilo eclético, contendo elementos neoclássicos. A construção já foi sede do antigo Senado Mineiro (extinto), erguida no final do século XIX. Possui diversas coleções sobre a cultura mineira, com destaque para a de arte sacra (época colonial).

• Museu Escola

Inicialmente abrigado na Praça da Liberdade, no prédio conhecido como Casa Rosada. Atualmente está nas dependências do Instituto de Educação, no Centro de Belo Horizonte, em caráter provisório.

• Museu do Brinquedo

<http://www.museudosbrinquedos.org.br/>

Sua exposição apresenta peças que abragem o final do século XIX até os dias atuais. Foi inaugurado em 2006.

• Museu Giramundo

<http://www.giramundo.org/>

Abriga um acervo de 800 peças, entre personagens, figurinos e outros equipamentos do Giramundo Grupo Teatro de Bonecos. As peças são utilizadas nas apresentações do grupo e expostas periodicamente no espaço.

• Centro de Arte Contemporânea Inhotim (Caci)

<http://www.inhotim.org.br/>

Está localizado em Brumadinho, a 60 quilômetros de Belo Horizonte. O visitante encontra um cenário de natureza deslumbrante e também a oportunidade de admirar obras de artistas renomados. O Caci reúne cerca de 450 trabalhos de 60 artistas contemporâneos brasileiros e estrangeiros, expostos em meio a uma natureza exuberante, com jardins espalhados por 300 mil metros quadrados, alguns deles projetados por Burlle Marx.

Betânia Gonçalves Figueiredo é professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisadora do CNPq e da Fapemig. Foi criadora e coordenadora da Rede de Museus e Espaços de Ciência da UFMG, entre 2000 a 2004. Autora do livro *A Arte de Curar em Minas Gerais* (2001, Vício de Leitura) e organizadora, com Diana Vidal, de *Dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Publicou uma série de artigos na imprensa sobre museus e centros de documentação.